



Dizem que ela tem sete nomes, mas é uma só, à qual se chega por sete caminhos. Rainha universal, senhora mãe do mundo, Yemanjá é toda a água: a doce e a salgada. Sendo o mundo terra e mar, toda a vida se sustenta graças a ela. Poderosa deusa dos antigos Egbá, costumava receber oferendas às margens do rio que leva seu nome, entre Ibadan e Ifé, na Nigéria. Em Abeokutá, para onde esse povo migrou mais tarde, Yemanjá se tornou a importante divindade do rio Ogun. Nessas regiões da África, é representada por uma mulher grávida. No Brasil e em Cuba, Yemanjá é uma sereia a quem as comunidades praianas dão presentes com grandes festejos.

Yemanjá

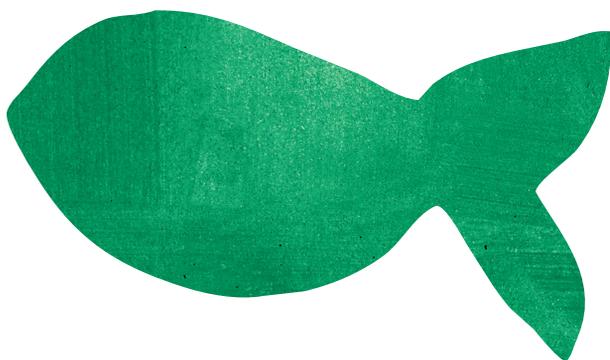
Carolina Cunha



Yemanjá

Carolina Cunha





© Carolina Cunha, 2006

Gerência editorial Cláudia Ribeiro Mesquita

Edição Cláudia Ribeiro Mesquita

Preparação Maurício Baptista Vieira

Revisão Gislane Maria da Silva, Carla Mello Moreira e Annita Costa Malufe

Edição de arte Leonardo Carvalho

Editoração eletrônica Felipe Repiso

Produção industrial Alexander Maeda

Impressão Ricargraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Carolina

Yemanjá / Carolina Cunha [ilustrações da autora] –

São Paulo : Edições SM, 2007. – (Coleção histórias do Okú LáíLáí)

ISBN 978-85-7675-181-6

1. Ficção – Literatura infantojuvenil.

I. Título. II. Série.

07-0474

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5

2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

1ª edição, 2007

3ª impressão, 2013

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

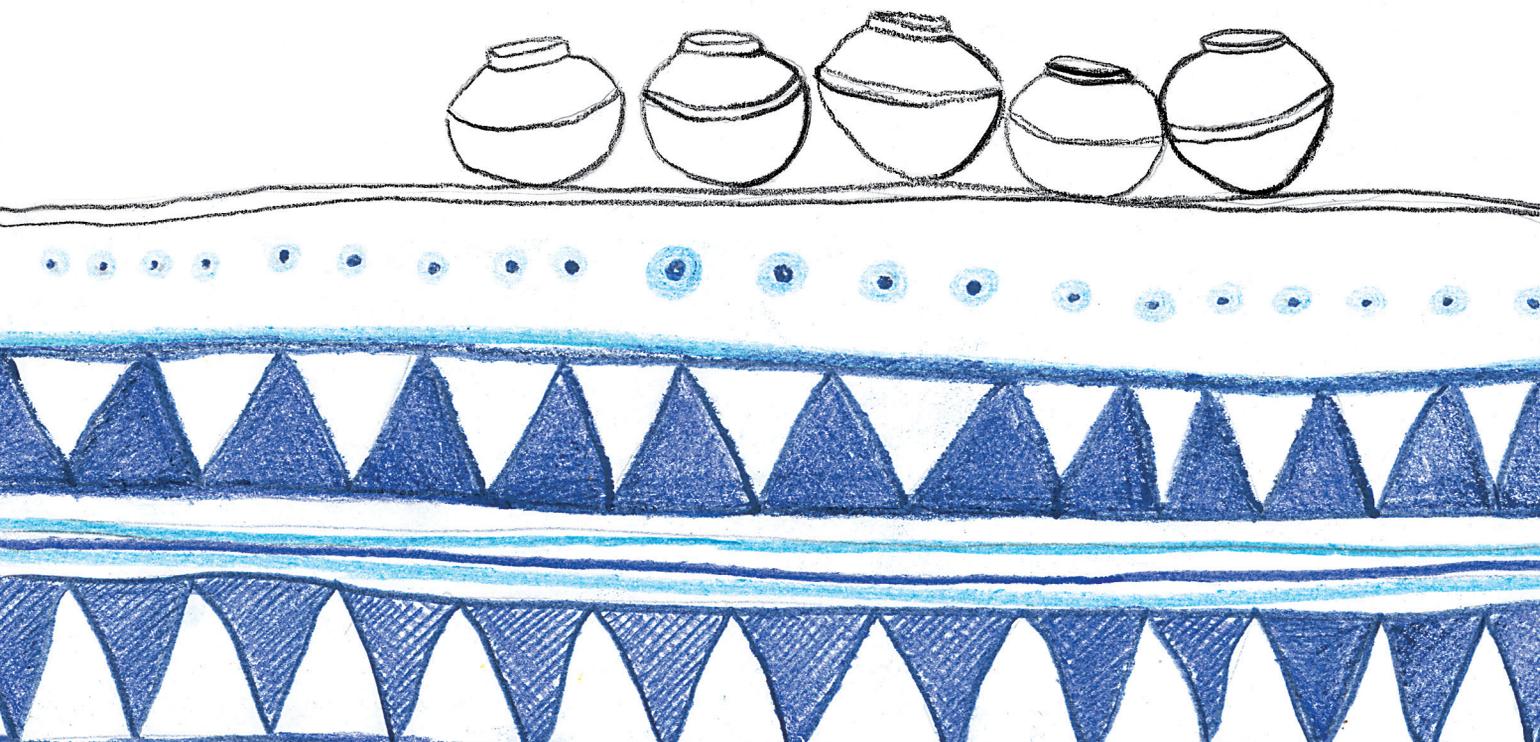


Yemanjá

Carolina Cunha

A minha Iyá Cici, Babá Ibijaré,
nomeada Otun Ilê Efun no culto
de Oxalá do Ilê Axé Opô Aganju,
a Gisèle Omindarewá Cossard,
a meus jojozinhos,
e a Babá Fatumbi, desde o princípio,
por memória eterna da água.







Tudo começou quando o céu de Olorum subiu aos ares, e a terra, rachada de grotas, encharcou de água. Olokum, mar feroz, demorou de se acalmar. Era um gigante; custou a ficar deitado. A filha era igual a ele, só que um pouco menos braba. Linda, linda. Chamava-se Yemanjá. Por desígnio de Olorum, Oxalá – rei de Ifé – a tomou para casar. Formaram família. Não sei quanto tempo depois, foi a vez do filho se perder de amor por ela. Yemanjá mais não quis saber. Desembestou a correr sem olhar para trás. No esforço da fuga, caiu estendida no chão e exclamou:
– A barriga me dói!



Foi como a deusa deu à luz os orixás. Seu corpo inchou rapidamente, o ventre rebentou com força e, em vez de sair sangue, saíram o dia e a noite. Em seguida, nasceram Exu e Ogum, dois irmãos tão parecidos que chegam a se confundir. Eles foram os primeiros. Vieram abrir caminho aos outros filhos: Oxóssi, Dadá, Xangô, Ajê Xalugá, Ajaká, Iansã, Ossain, Obá, Oxum, Oloxá, Omolu, Orixá Okô e Okê. Finalmente, dos peitos cheios de derramar, jorraram água doce e água salgada. Desde então, Yemanjá vive no entardecer da Terra. E os orixás, foram para a natureza, governar as dezesseis direções do mundo.

